

ATENDIMENTO PSIQUIÁTRICO NA EMERGÊNCIA: ALGUMAS PERCEPÇÕES DAS EQUIPES DE ENFERMAGEM

Psychiatric care in the emergency department: some perceptions of nursing teams

Amanda Lavandoski Ribeiro¹; Mariusca Rachevski²

¹ Acadêmica de Medicina na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. *E-mail:* amanda.l.r@outlook.com

² Médica Psiquiatra. Graduada em Medicina pela UFSM, RS. Residência Médica pela Fundação Universitária Mário Martins, Porto Alegre, RS, Mestre em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Erechim, RS, Docente da Faculdade de Medicina da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Erechim, RS. *E-mail:* mariuskarachevski@gmail.com

Data do recebimento: 15/07/2024 - Data do aceite: 18/09/2024

RESUMO: O presente estudo versa sobre o atendimento da equipe de enfermagem a indivíduos com transtornos mentais, objetivando inferir acerca do conhecimento, entendimento e sentimentos despertados nas equipes de enfermagem. Dessa forma, desenvolveu-se uma pesquisa, de caráter observacional transversal, por meio de um questionário, elaborado e aplicado pelas autoras, amparado qualitativamente pelo referencial teórico. A pesquisa possuiu uma abordagem descritiva, com uma população de 62 participantes, sendo estes profissionais integrantes dos dois hospitais, com serviço de emergência, de um município ao Norte do Rio Grande do Sul. Os resultados denotam que a maioria dos participantes tem seu estado emocional afetado ao atenderem pacientes psiquiátricos. Tristeza, medo e impaciência também aparecem como sentimentos frequentes e relevantes. Cerca da metade dos entrevistados relatam que a maior dificuldade no atendimento desses pacientes é a falta de conhecimento. Os achados do estudo apontam na direção da necessidade premente de investimento no treinamento e na capacitação das equipes de saúde para fortalecê-las frente ao atendimento desses usuários.

Palavras-chave: Assistência. Enfermagem. Saberes e Percepções.

ABSTRACT: The present study focuses on the care provided by the nursing team to individuals with mental disorders, aiming to infer about the knowledge,

understanding, and feelings aroused in nursing teams. Thus, a cross-sectional observational research was conducted through a questionnaire, developed and applied by the authors, supported qualitatively by the theoretical framework. The research had a descriptive approach, with a population of 62 participants, who are professionals from two hospitals with emergency services in a city in the northern of Rio Grande do Sul state. The results show that most of the participants have their emotional state affected when caring for psychiatric patients. Sadness, fear, and impatience also emerged as frequent and significant feelings. Approximately half of the interviewees reported that the main difficulty in caring for these patients is their lack of knowledge. The findings of the study point to the urgent need for investment in training and qualification of healthcare teams to strengthen them in addressing these users.

Keywords: Care. Nursing. Knowledge and Perceptions.

Introdução

O ciclo histórico da saúde mental, no Brasil, é caracterizado por intensas lutas da sociedade em busca de mudanças nos modelos de atenção e gestão em saúde. Um destaque importante, nesse contexto, é o processo de reforma psiquiátrica brasileira, que ocorreu em meio a um movimento internacional em prol da superação da violência dos hospitais psiquiátricos, substituindo-os por iniciativas sociais, culturais e jurídicas. Além disso, houve uma tentativa de modificação do conceito e da relação da sociedade com as pessoas que sofrem de transtornos mentais (Oliveira *et al.*, 2017).

O movimento brasileiro de Reforma Psiquiátrica foi um processo social e político, com o objetivo de acabar com a exclusão dos hospitais psiquiátricos e promover novas abordagens no cuidado de pessoas com sofrimento mental. As consequências desse movimento são visíveis nas políticas, legislações e serviços de saúde mental atualmente em vigor, no país. No entanto, um dos desafios enfrentados, na contemporaneidade, é a falta de estrutura para lidar com situações

de emergência e urgência em saúde mental, o que acaba resultando em cuidados improvisados e desgastantes para os pacientes em busca de uma assistência humanizada e eficaz (Oliveira *et al.*, 2017).

Destarte, pode-se conceituar um atendimento de emergência psiquiátrica, quando há uma eventualidade inesperada de agravo à saúde com ou sem risco de vida, caracterizada por ser uma condição em que ocorre uma alteração do pensamento, das emoções ou do comportamento, exigindo a tomada de medidas imediatas para o controle da situação. Porém, tal circunstância nem sempre permite o diagnóstico psiquiátrico em um primeiro momento (Quevedo *et al.*, 2020).

Outrossim, o Pronto Socorro, geralmente, não possui um ambiente adequado para o atendimento de pacientes que apresentam um quadro de agitação e confusão mental.

Os transtornos psiquiátricos podem ser definidos como um grupo heterogêneo de condições, caracterizadas pela ocorrência de sintomas psicóticos, como pensamentos delirantes, perturbações da sensopercepção e desorganização maciça do pensamento e do comportamento (Barros *et al.*, 2019).

É importante ressaltar que as equipes de enfermagem possuem um papel crucial no

atendimento psiquiátrico na emergência, seja no acolhimento inicial, na triagem, ou na assistência direta. Esses profissionais têm a oportunidade de proporcionar conforto, escuta ativa e encaminhamento adequado.

As ações de enfermagem devem englobar a avaliação dos fatores desencadeantes do estresse, tanto físicos quanto mentais, bem como a identificação de potenciais comportamentos suicidas, ou homicidas, e o uso de drogas. Após isso, é feito o planejamento da intervenção, seguido pela análise final da resolução da crise e o seguimento da assistência. Portanto, a abordagem mais eficaz, nessas condições, é a escuta atenta, pois indivíduos em crise expressam o quanto necessitam de apoio e palavras para entender o significado de sua condição e encontrar caminhos para a resolução.

Assim sendo, o enfermeiro que atua nas urgências e emergências demanda usar a percepção, a observação e criar um planejamento para o campo de ação, com segurança, de forma ordenada, pois torna-se premente a intervenção imediata de uma equipe multiprofissional treinada, a fim de impedir danos à saúde do indivíduo, ou de terceiros.

Entretanto, durante o processo de desinstitucionalização, não houve grandes investimentos na capacitação e na qualificação dos profissionais que assistem pacientes psiquiátricos, em hospitais gerais. Isso torna pouco eficaz o atendimento emergencial, restando, negativamente, na assistência desses indivíduos (Silva *et al.*, 2021).

Para um adequado funcionamento dos serviços de emergência, o atendimento com agilidade no manejo do paciente torna-se essencial, porém, essa não é uma realidade para os profissionais que lidam em tais condições. Normalmente, nas urgências e emergências, observa-se um setor fragmentando, desde o atendimento inicial, admissão até a alta precoce de tais pacientes (Silva *et al.*, 2021).

É premente evidenciar que a não adoção de medidas integradas para com estes pacientes implica no risco de uma atenção desumanizada, perdendo todas as conquistas trazidas pela reforma psiquiátrica. Nessa perspectiva, a educação permanente em saúde demonstra oportunidades de novas mudanças e a valorização da saúde mental por parte dos profissionais nos atendimentos, uma vez que pode compreender o motivo pelo qual está sendo realizado tal procedimento.

Isso posto, ao atuar em situações de crise, como tentativas de suicídio, intoxicações por álcool e drogas e condições de auto e heteroagressão, tais equipes deveriam estar aptas para agir em tais circunstâncias. O cuidado desses indivíduos requer dos profissionais de enfermagem uma visão extensa, que lhes permita perceber o ser humano como um todo, criando vínculos pautados na ética, no compromisso e no respeito (Silva *et al.*, 2021).

É nessa problemática que esta pesquisa se baseia, a partir da vivência de uma das autoras, ao acompanhar uma amiga com sintomas psíquicos até o serviço de emergência de um dos hospitais participantes da pesquisa. Observa-se a necessidade de uma abordagem mais humanizada em relação às pessoas com doença psíquica, visto que, ainda, se visualiza um contexto em que as patologias psiquiátricas são concebidas como um tabu, com resquícios de preconceito e falta de conhecimento. Torna-se oportuno conhecer as demandas das equipes de enfermagem frente à assistência em saúde mental, no âmbito das emergências.

Apresenta-se uma pesquisa de campo descritiva, com o objetivo de investigar os saberes e as percepções que as equipes de enfermagem de urgência e emergência têm sobre o paciente psiquiátrico, bem como fazer a escuta sobre os sentimentos despertados nos membros dessas equipes durante esses atendimentos. Busca-se, ainda, saber se

demandam receber treinamentos em saúde mental, para melhor manejo dos pacientes.

Materiais e Métodos

A metodologia aplicada nessa pesquisa é de caráter quali-quantitativo, do tipo descritivo e observacional, utilizando estatística descritiva e inferencial, com aplicação de um formulário, de modo presencial, elaborado pela autora e embasado na literatura (Costa *et al.*, 2019; Refosco *et al.*, 2021). O instrumento de pesquisa abarca dezenove questões de múltipla escolha e cinco questões descritivas, que contemplaram aspectos sociodemográficos, como: sexo; idade e tempo de atuação na enfermagem; questões relativas à prestação de assistência em enfermagem ao paciente psiquiátrico e existência de alguma modalidade de treinamento para assistir tais pacientes. Além disso, objetivou-se conhecer os sentimentos despertados, nos participantes da pesquisa, durante esses atendimentos.

Os participantes foram técnicos e enfermeiros das equipes de enfermagem dos únicos dois hospitais de referência, com serviço de Emergência, de um município no Norte do Rio Grande do Sul. Todos os integrantes dos serviços foram convidados a participar. Cabe ressaltar que a pesquisa ocorreu em um município com cerca de 106 mil habitantes, dentro de uma região que contempla 31 municípios de menor porte, que necessitam dos hospitais partícipes da pesquisa para atendimentos de média e alta complexidade.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição proponente, sob protocolo número 5.464.597e, e cada participante foi informado a respeito do objetivo e procedimentos do estudo e, ao aceitar participar, assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A pesquisa apresenta uma abordagem descritiva, com uma população de 62 par-

ticipantes, entre eles 28 integrantes de um dos hospitais participantes e 34 integrantes do outro, sendo a participação voluntária e anônima.

Foram excluídos da pesquisa enfermeiros e técnicos de enfermagem com menos de dois anos de experiência nos serviços de emergência dos hospitais e participantes que estavam afastados do serviço no período da pesquisa.

Para a análise de dados, foi utilizada estatística descritiva, para o cálculo das frequências das respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa. Em um segundo momento, a associação entre características dos participantes (tempo de experiência, idade, nível de formação) e sentimentos despertados (angústia, tristeza, raiva, ansiedade) foram associadas com as respostas fornecidas pelos participantes em diferentes contextos. Adotou-se $p < 0,05$ como significativo, utilizando teste *t* para comparar valores. As análises foram realizadas no *software* GraphPad Prism 9.0. A análise qualitativa foi amparada pelo referencial teórico relativo ao tema.

Resultados

Em termos de caracterização sociodemográfica, a pesquisa identificou predomínio do sexo feminino entre os participantes (76,4%), com idades entre 21 a 73 anos ($36,6 \pm 10,4$). Houve maior predominância da formação em técnico de enfermagem (71,4%), e o tempo de atuação na área foi de 2 a 33 anos ($10,8 \pm 7,9$).

Quanto aos resultados da pesquisa, cerca de 75% dos participantes referem alterações no estado emocional diante do atendimento de pacientes psiquiátricos. Mesmo com tempo de assistência em enfermagem, observa-se que a falta de conhecimento em saúde mental e a manifestação de sentimentos, como impaciência, tristeza e medo, por parte das equipes de enfermagem que atuam em serviços de emergência, dificulta a abordagem ao

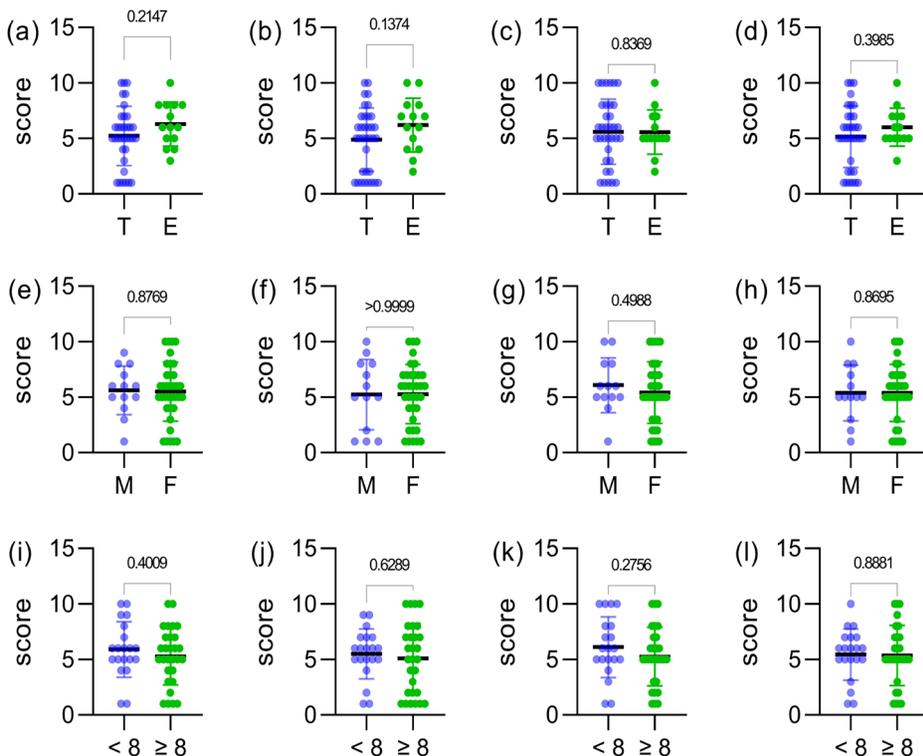
paciente e o planejamento de uma terapêutica eficiente.

Dos entrevistados, 40,8% não se sentem confiantes para atender pacientes psiquiátricos; 69,3% sentem medo, ou receio, ao prestar atendimento psiquiátrico, e 48% dos entrevistados referiram que a maior dificuldade na assistência a esses indivíduos é a falta de conhecimento. Tal falta de preparo dos profissionais acarreta insegurança na tomada de decisões e prestação dos serviços de enfermagem, situação que traz perda não só para o paciente, que não recebe uma assistência adequada, mas para o profissional, que

se sente inoperante diante de determinadas situações.

Ao serem inquiridos sobre quais patologias reconhecem como sendo de ordem psiquiátrica, 42,8% responderam não considerar crises de pânico como desordens psíquicas; 14% não consideram alucinações como sintomatologia psiquiátrica; 20,4% não caracterizam dependência química como doença; 6% não identificam depressão e tentativas de suicídio como patologias psiquiátricas, e 65,3% não qualificam agitação e agressividade como alterações do estado mental.

Figura 1 – Grau de impacto ao prestar atendimento a pacientes psiquiátricos.



Legenda: Colunas (a), (e) e (i) atendimentos com tentativas de suicídios. Colunas (b), (f) e (j) atendimentos em pacientes agressivos. Colunas (c), (g) e (k) atendimentos a dependentes químicos. Colunas (d), (h) e (l) atendimentos a pacientes com alto grau de dramaticidade. Na primeira linha (a), (b), (c) e (d), compara-se o atendimento por técnicos e enfermeiros. Na segunda linha (e), (f), (g) e (h), compara-se sexo masculino e feminino. Na terceira linha (i), (j), (k) e (l), compara-se tempo de trabalho, sendo a mediana 8 anos.

Diante do atendimento ao paciente com tentativa de suicídio, 42,8% dos participantes relatam tristeza. Ao prestarem cuidados a pacientes em agitação, ou agressivos, 32,6% sentem medo de realizar o auxílio. No atendimento a indivíduos com alto grau de dramatização, 28,5% dos participantes afirmam ter paciência e 36,7% sentem indiferença.

Não foram encontradas diferenças significativas nas notas atribuídas pelos participantes das pesquisas, categorizados por técnicos de enfermagem e enfermeiros, quando questionados sobre o nível de impacto ao atender urgências psiquiátricas, apresentando tentativa de suicídio ($p = 0,2147$), agressividade ($p = 0,1374$), dependência química ($p = 0,8369$) e dramaticidade elevada ($p = 0,3985$).

Não houve divergências nas avaliações feitas pelos participantes da pesquisa, divididos em gênero masculino e feminino, quando atribuídas notas sobre o grau de impacto ao lidar com situações de urgências psiquiátricas, como tentativas de suicídio ($p = 0,8769$), agressividade ($p = >0,9999$), dependência química ($p = 0,4988$) e dramaticidade elevada ($p = 0,8695$).

Ao comparar o tempo de trabalho, com uma mediana de 8 anos, e a atribuição de notas, quando questionados sobre o grau de impacto em atendimentos psiquiátricos na urgência e emergência, observa-se que não há discrepância quanto às avaliações feitas ao atender situações como tentativas de suicídio ($p = 0,4009$), agressividade ($p = 0,6289$), dependência química ($p = 0,2756$) e dramaticidade elevada ($p = 0,8881$).

Ao serem questionados sobre quais condutas os participantes já adotaram no atendimento psiquiátrico, 97,9% relataram contenção física/motora. Em contrapartida, 10,2% referiram nunca ter usado essa técnica. A administração de medicação foi relatada como conduta.

Quanto à estrutura física e treinamentos, 95,9% dos participantes consideram necessário ter uma “ala” só para atendimentos psiquiátricos. Dos participantes, 55,1% nunca participaram de nenhum treinamento e, se fosse dada a oportunidade de participar, 93,8% dos participantes aceitariam. Por fim, 95,9% consideram que o treinamento para o atendimento psiquiátrico, na urgência e emergência, qualificaria e traria mais segurança e habilidade para atender tais pacientes.

Acerca das percepções dos entrevistados, os achados vão ao encontro do que é descrito na literatura. Foram encontradas equipes com certo grau de desamparo e desconhecimento quanto aos principais transtornos mentais, justificando a dificuldade no manejo desses indivíduos. A carência de treinamento, que corrobora para o incremento do medo, da ansiedade e da insegurança diante de tais atendimentos, atenta para uma sobrecarga do aparato psíquico dessas equipes. Isso leva a pensar na relevância do tema, almejando despertar o interesse por mais estudos na área, bem como alertar os gestores desses serviços.

Discussões

A prestação de atendimento a usuários em situações graves demanda conhecimento científico sólido e habilidades técnicas por parte dos profissionais envolvidos, desde a abordagem do paciente até o manejo das complicações agudas do sofrimento mental. Trata-se de um procedimento orientado para estabelecer uma relação terapêutica, visando à estabilização do paciente (Silva *et al.*, 2021).

Um estudo semelhante avaliou o atendimento da equipe de enfermagem ofertado nas emergências psiquiátricas e demonstrou que 61,1% dos participantes sentiam medo, 16,6% impaciência e 13,8% indiferença durante o atendimento, análogo ao revelado

nesta pesquisa. Além disso, aspectos como natureza física, social e psicológica são questões que se fazem presentes durante a assistência e interferem no cuidado (Lima *et al.*, 2023).

Apesar da importância do atendimento adequado às pessoas em situação de emergência psiquiátrica, estudos vêm demonstrando que as equipes de enfermagem encontram dificuldades de comunicação, falta de conhecimento e experiência na área. Acrescenta-se a isso o acúmulo de atividades, estrutura física precária e falta de recursos humanos. Ademais, há o estigma e o preconceito frente a esses quadros, os quais constituem limitações para a assistência de enfermagem adequada aos pacientes (De Vargas *et al.*, 2017).

A presente pesquisa mostrou que, mesmo diante dos anos de experiência, a falta de conhecimento e a manifestação de sentimentos como impaciência, tristeza e medo, por parte das equipes de enfermagem que atuam em serviços de emergência, dificultam a abordagem ao paciente e o planejamento de uma terapêutica eficiente, o que vai ao encontro de achados sobre tal temática na literatura, em que a ausência de capacitação é constante e evidencia uma conexão direta com a baixa qualidade do atendimento. Aponta-se para a necessidade urgente de intervenções educacionais aos profissionais de saúde que atuam nesses serviços, além de reflexões que enfatizem a inclusão desses conceitos, de maneira mais sólida, na formação dos futuros profissionais que ingressarão no mercado de trabalho (De Jesus *et al.*, 2023).

Segundo pesquisas, o aumento nas tentativas de suicídio, especialmente entre os mais jovens, representa um desafio para toda a equipe profissional. O aten-

dimento àqueles que estão em situação de emergência psiquiátrica, sobretudo em casos de tentativa de suicídio, requer rapidez, segurança e uma abordagem humanizada, a fim de garantir uma intervenção adequada durante a crise. É de suma importância que a equipe de enfermagem esteja preparada e capacitada para oferecer cuidados em saúde mental, dada a crescente demanda por esses serviços na urgência e emergência hospitalar. A literatura aponta que o atendimento a essas pessoas, ainda, apresenta fragilidades e exige melhorias para a promoção desse cuidado (Lima *et al.*, 2023).

O despreparo dos profissionais, apresentado em outros estudos, também pode ser atribuído à falta de oportunidade anterior de lidar com tais indivíduos. Alguns relataram que a falta de experiência prévia no cuidado a esses pacientes contribui para a falta de preparo. Nesse sentido, é crucial compensar os processos de formação profissional. No Brasil, os cursos de graduação em enfermagem possuem disciplinas e carga horária limitadas relacionadas à saúde mental, apesar da complexidade envolvida. É durante a graduação, por meio do ensino, que as percepções e práticas dos futuros profissionais são moldadas (Pereira *et al.*, 2019). Portanto, as disciplinas que abordam o tema devem ser mais exploradas, a fim de proporcionar aos estudantes a experiência do cuidado a indivíduos em sofrimento mental.

Há de se considerar que os serviços de urgência e emergência são espaços tensos e altamente estressantes, tanto para os profissionais de saúde quanto para os pacientes e seus familiares. Além disso, o grande fluxo de pacientes em situações críticas, aliado à falta de capacitação adequada das equipes de atendimento e às carências estruturais do serviço e do sistema de saúde

como um todo, levam os profissionais dessas unidades a adotarem uma postura impessoal e com dificuldades em fornecer cuidado humanizado.

O princípio fundamental que orienta a prática da assistência em saúde é a responsabilidade de se solidarizar com as pessoas, grupos, famílias e comunidades, buscando promover a cooperação mútua entre todos os envolvidos na preservação e manutenção da saúde (Muniz *et al.*, 2015). Dessa forma, para que o profissional de enfermagem possa ampliar sua habilidade, aprimorar sua capacidade de ouvir atentamente e expressar reflexões, torna-se adequado atender às demandas das pessoas em sofrimento psíquico, de maneira individualizada, seguindo protocolos de cuidado.

Esses fatores, novamente, apontam para a falta de preparo destacada anteriormente, em que os profissionais têm dificuldade de lidar com as necessidades específicas dos pacientes psiquiátricos, muitas vezes, se concentrando, apenas, no aspecto físico e não considerando, integralmente, o sofrimento mental do indivíduo. Logo, é essencial que sejam tomadas medidas obrigatórias para melhorar a capacitação das equipes e proporcionar um ambiente mais adequado para o atendimento a esses pacientes, no âmbito da emergência. Isso requer treinamentos específicos em saúde mental, políticas de acolhimento e humanização do cuidado e investimentos em infraestrutura e recursos para promover um atendimento mais eficaz e compassivo.

Quanto às percepções das equipes de enfermagem no atendimento de pacientes psiquiátricos, na emergência, observa-se um certo distanciamento e aversão, associado ao predomínio de falta de conhecimento na área. Isso traz, como consequência, uma prestação de serviço com base na insegurança e no medo, gerando um cuidado impessoal.

Desse modo, dificulta-se o atendimento humanizado. Essa pesquisa traz a denúncia de que os saberes sobre patologias psiquiátricas são escassos, o que torna o uso da estratégia de contenção física/motora um dos únicos recursos disponíveis, prevalente nesse cenário. Isso leva a refletir sobre a manutenção do estigma do medo da loucura.

Considerações Finais

Uma comunicação eficaz, centrada na pessoa e seu contexto, deve ser vista como uma obrigação ética e responsabilidade de todos os profissionais de saúde que trabalham em contato direto com os indivíduos. Isso garante que, aos cuidados, além da competência técnica, também seja incorporada uma competência relacional e humanizada.

Cabe ressaltar que o temor denotado pelas equipes, durante o atendimento psiquiátrico, denuncia, com sonoridade, o fato de que o indivíduo com transtorno psíquico promove o contato com a experiência da loucura, gerando dúvida e angústia naquele que atende quanto ao controle da sua própria sanidade.

Essa pesquisa tem o intuito de provocar a reflexão não somente das equipes de enfermagem quanto à relevância e valor de uma assistência qualificada, treinada e humanizada para com o indivíduo com patologias psiquiátricas, mas de todos os envolvidos na assistência em saúde, tanto técnicos quanto gestores. Por fim, saúde mental é tão importante quanto saúde física, e as equipes de saúde desempenham um papel essencial nesse contexto. É necessária uma maior valoração desse trabalho, com investimentos em recursos humanos e capacitação, visando, sempre, proporcionar um atendimento de qualidade e humanizado aos pacientes, além de outros estudos que contemplem e problematizem o mesmo tema.

REFERÊNCIAS

- BARROS, P. R. C. B.; MAZZAIA, M. C. A percepção de enfermeiros acerca da ambiência na saúde mental / Perception of nurses about the environment in mental health. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 4, p. 2322-2342, 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/1694>. Acesso em: 04 out. 2024.
- DE VAGAS, D., SOARES, J., PONCE, T.; de OLIVEIRA, B. Enfermeiros de serviços de urgência e emergência psiquiátrica: análise de perfil profissional e educacional. **Cogitare Enfermagem**, v. 22, n. 4, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/50704> Acesso em: 04 out. 2024.
- DE JESUS, M. A. do E. S.; MACHADO, T. B.; DA SILVA, C. M.; MORAIS, D. B.; DO NASCIMENTO, E. B.; DE BRITO, E. C. S.; MAGNO, E. da C.; GONÇALVES, E. L.; MOURA, N. dos S. Emergência psiquiátrica no contexto da rede de atenção psicossocial: uma revisão integrativa da literatura. **Brazilian Journal of Development**, v.9, n.1, p. 4780-4804, 2023.
- DE LIMA, L. B.; MENDES, D. do C. O.; DA SILVA, G. C. L.; SCORSOLINI-COMIN, F.; VEDANA, K. G. G.; DA SILVA, R. A.; FIORATI, R. C.; FERREIRA, L. V. C. Urgências e emergências psiquiátricas: percepções da equipe de enfermagem em uma Unidade de Pronto Atendimento. **Revista Observatorio De La Economia Latinoamericana**, v. 21, n. 7, p. 6674-6696. 2023.
- MUNIZ, M.; TAVARES, C.; ABRAHÃO, A.; DE SOUZA, A. A assistência de enfermagem em tempos de reforma psiquiátrica. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 13, 2015.
- OLIVEIRA, L.C.; SILVA, R.A.R. Saberes e Práticas em Urgências e Emergências psiquiátricas. **Rev Enferm UERJ**, 25:e10726, 2017.
- PEREIRA, L.P.; DUARTE, M.L.C.; ESLABÃO, A.D. O cuidado à pessoa com comorbidade psiquiátrica em emergência geral: visão dos enfermeiros. **Revista Gaúcha Enfermagem**, 2019.
- QUEVEDO, J.; SCHMITT, R.; KAPCZINSKI, F. **Emergências Psiquiátricas**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2020.
- REFOSCO, A. L. M.; BURIOL, D.; MACHADO, K. C.; ILHA, S.; ZAMBERLAN, C.; CESAR, M. P. Atendimento a pacientes psiquiátricos no serviço de emergência: potencialidades e fragilidades da enfermagem. **Revista Pesquisa**, v.13, p. 324-329, 2021.
- DA SILVA D. B.; DO CARMO A. E. DE S.; DE OLIVEIRA E. B.; RODRIGUES E. C. S.; BEZERRA G. E. N.; CASTRO P. DA C. Enfermeiros de urgência e emergência no atendimento à pacientes com transtornos psiquiátricos. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. e5481, 1 fev. 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5481>. Acesso em: 04 out. 2024.

